

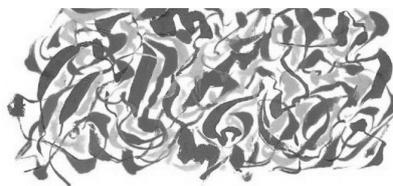
RESENHA

IMPRESSÕES DE BARTHES SOBRE A CHINA DOS ANOS 70

Rodrigo da Costa Araújo

BARTHES, Roland. *Cadernos da viagem à China*. São Paulo. Martins Fontes. 2012. 255 p.

Como o próprio título/paratexto indica ou encaminha, *Cadernos da viagem à China* é redigido a partir das impressões de viagem anotadas por Roland Barthes (1915-1980) em três cadernos de anotações. O último deles foi utilizado para organizar o índice temático das duzentas e cinquenta e cinco páginas desse percurso diarístico.



Pintura de Barthes na capa do livro
Cadernos da viagem à China (2012)

A capa dessa edição brasileira retoma as grafias de Barthes na pintura. Como a caligrafia chinesa, esse paratexto imita gestos sem palavras, os traçados delicados do semiólogo na tela. Feito o espaço vazio da linguagem, a pintura imita o gesto do instante, a trajetória dos desvios, silêncios, retornos ou fugas de um escritor.

O volume retoma os registros a respeito de uma pesquisa sobre a China e que integrou uma equipe de intelectuais franceses, e só foi publicado trinta anos depois da experiência. Dessa vocação diarística de Roland Barthes, também é possível retomar, intertextualmente, os livros *Incidentes*, *O Império dos Signos*, *Roland Barthes por Roland Barthes* e *Diário de Luto*, este último, escrito na mesma época de *Cadernos da viagem à China*. Eles, de certa forma, integram a paixão do escritor-esteta pelos registros breves, pelo tom aforístico e fragmentário, ou a sua relação quase fetichista com o suporte ficha que discorreram muitos desses volumes.

Apesar de ser fruto de registros diarísticos, de uma visita organizada e supervisionada de três semanas, de ter seguido um itinerário preestabelecido, *Cadernos da viagem à China* apresenta, transgressivamente, uma visão distanciada desse percurso. Eles propiciam ao leitor o contato com inúmeros detalhes, cores, paisagens, corpos e acontecimentos pinçados do cotidiano, reflexões de Barthes comentadas com algum humor discreto e requintado.

Essas anotações diarísticas, no entanto, diferentemente de outros livros de Barthes, revelam acontecimentos vistos, sentidos ou ouvidos na China, alternadamente, com observações inseridas entre colchetes, reflexões, meditações, “incidentes”, críticas ou expressões de simpatia que funcionam como comentários paratextuais aos episódios. Também são recorrentes, no discurso desse livro, certas expressões de cansaço diante do estereótipo, como por exemplo, “etc” ou certo ar de descontentamento diante dos protocolos e das anotações.

Cadernos da viagem à China pode ser lido como estratégia própria da linguagem da literatura, ou mesmo de fatos cotidianos, se os entendermos como uma forma de linguagem, reunião de minúcias e insignificâncias, como as que encontramos em romances. O prazer do leitor, do crítico ou do semiólogo será, nesse caso, o de perceber em todos esses registros ou fragmentos, uma pista de algum outro discurso ou sentido a ser construído. Pistas não para entender a China em si, mas, na maioria das vezes, de artimanhas sem proveito, de astúcias, sem explicação. Essas astúcias semiológicas, talvez, inspiram o romanesco e a atividade crítica de Roland Barthes. A partir deles, o semiólogo assume a postura de um detetive de “traços”, “elementos”, “componentes” que brilham por clarões, em desordem, fugaz e sucessivamente, no discurso, tecido de anedotas da vida.

Nesses cadernos, a tendência de Barthes é a de mobilizar a máxima agudeza na descoberta de novas fontes de prazer estético, retirando-os dos lugares mais improváveis. Ao longo das páginas, damos-nos conta de que o fascínio de Barthes não é tanto a aparição discreta de signos, mas a sua ausência sistemática. Aquilo que podemos reter, por um vago tédio neurastênico é, de fato, uma formidável matriz do pensamento barthesiano, provado por certa neutralidade radical: neutralidade das emoções (sentimento de tédio) enfado de gostos, indiferença sexual ou imposição ideológica. Por isso, importa-nos observar com neutralidade, os signos do neutro, da política e, por extensão, a neutralidade do discurso.

A proposta do livro, desse modo, consegue transgredir a lógica do diarista (diacrônica), em favor de uma outra lógica, onde a leitura passa a ser descontínua, oscilante e mais livre. O índice do livro é a prova de que o diarista admite uma escolha de transição - o que tornaria os cadernos o reflexo do padrão viajante, certa configuração fragmentada do discurso (que é sugerida ao leitor), ou a liberdade de movimento que Barthes não usufruiu durante a viagem.

Apesar disso, a viagem de Barthes à China revelou vários fracassos, salvo, todavia, o trabalho da escritura. As cores, as paisagens e o tempo, de um modo geral, são descritos com certo incômodo: monotonia e o tédio na China, contribuem com certa melancolia que recai sobre ele - o diarista. No início da viagem, apesar de pouca diversão, ou mesmo uma curiosidade entusiástica para as sociosincretismos chinesas, a retórica ideológica e formatação do discurso reforçam certo lugar-comum, espécie de "loucura" - estavam em 1974, em plena campanha "Pilin Pikong" contra Confúcius e Lin Piao.

Esses elementos, particularmente os comuns, e os jargões da retórica ideológica que deveriam fascinar o semiótico, o entediam-no e adiam suas descobertas porque estão limitados, na camisa de força da visita guiada, enganosa em seu fluxo, exigindo acordos, convenções que não foram escolhidas por Barthes, e por isso mesmo, questionados nas anotações.

Em oposição ao Japão, esta viagem de Barthes à China - apesar de ter sido "organizada" e "controlada" desempenhou um papel significativo: "Lembrando o incidente de ontem à noite, a descoberta inesperada do cinema ao ar livre, tão cheio de coisas descabidas (o filme romeno, as cadeiras trazidas, a suavidade do escuro): isso provaria que é a presença contínua, acobertada dos funcionários da Agência que bloqueia, proíbe, censura, anula a possibilidade de Surpresa, Incidente, Haiku" (BARTHES, 2012, p. 125). Ela instigou uma escritura reflexiva e indagante a respeito do discurso, das relações sociais e de poder.

Cadernos de viagem à China revela uma imagem deceptiva, instiga as relações entre a errância e a escrita, mostram o triunfo da página sobre a paisagem e fazem do fracasso do diário de viagem, uma obra. De qualquer modo, Barthes convida a compreender a China inversamente aos signos japoneses, erotizados. O desinteresse crescente de Barthes pela China não teria sido a questão do erótico na viagem: estes são os signos classificados, instituídos pela "viagem organizada" que não fala com ele, porque ele a recupera e a erotiza, em detalhes biográficos, em biografemas.

Barthes reencontra nas leituras da China, o "vazio" do Japão. A partir daí, a "inexpressividade" semântica é percebida e apresentada de maneira mais significativa, entusiasmada, instaurando, de certa forma, o tom amoroso pelo Neutro. Assim, são eleitos por ele, três "significantes" que transbordam os sentidos e escapam à descolorização da China: a cozinha, as crianças e a escritura. As crianças cansam-o, rapidamente, a cozinha é um grande contentamento, visível nas anotações, mas a caligrafia chinesa é outra grande paixão de Barthes, e por isso mesmo, exaltada no diário, como ato corporal, pulsão (o erotismo encontrado), elas informam o espaço do neutro da China: "as caligrafias de Mao".

Cadernos de viagem à China, de Barthes revela a frustração pessoal sobre a inacessibilidade da China. Todas as anotações atestam nele, certo fracasso com a escritura (por comparação com o Japão). Porque segundo

ele, “Todas estas anotações comprovarão decerto o malogro de minha escrita neste país (em comparação com o Japão). Na verdade, não encontro nada para anotar, enumerar, classificar” (BARTHES, 2012, p. 72). Isso fica percebido na clara aproximação entre a experiência pessoal do semiólogo e a afirmação filosófica que mais tarde ele faz no Jornal *Le Monde*:

A gente se pergunta: e se estes objetos que queremos a todo custo transformar em questões (o sexo, o sujeito, a linguagem, a ciência) fossem somente particularidades históricas e geográficas, idiotismos de civilização? Queremos que haja coisas impenetráveis para que possamos penetrá-las: por atavismo ideológico, somos seres de deciframento, sujeitos hermenêuticos, acreditamos que nossa tarefa intelectual é sempre de descobrir um sentido. A China parece resistir em entregar esse sentido, não porque ela o esconda, porém, mais subversivamente, porque (e nisso bem pouco confuciana) ela desfaz a constituição dos conceitos, dos temas, dos nomes; ela não partilha os alvos do saber como nós; o campo semântico é desorganizado: a pergunta feita indiscretamente ao sentido é devolvida em pergunta do sentido, nosso saber em fantasmagoria: os objetos ideológicos que nossa sociedade constrói silenciosamente declarados impertinentes. É o fim da hermenêutica (BARTHES, 1974).

Como percebemos nessas considerações, Barthes adquiriu a reputação, em decifrar os signos e desconstruir as mitologias da sociedade moderna. Enfim, neste livro ensaia-se o neutro que é vislumbrado, através de figuras, figurações, configurações, cintilações, condutoras a possibilidades, jamais a um sentido dado, mas a uma flutuação de sentidos. A partir desses fragmentos e registros sobre a China, o autor de *Le plaisir du texte*, instaura o desejo do Neutro: certos estados intensos, fortes, inauditos, que suspendem as ordens, as leis, as arrogâncias, as intimidações e quaisquer outras características que remetem às relações de poder. O neutro, em *Cadernos da viagem à China*, desvia a norma, o paradigma dos gêneros, a normalidade, a opinião corrente, o estabelecido e o preestabelecido nas relações discursivas.

Referência

BARTHES, Roland. Alors, la Chine? *Le Monde*. 24 maio 1974.